

Direita antissistema ou triunfo temporário do capitalismo manipulatório no século XXI?

Mavi Rodrigues

Na primeira década do século XXI, assistimos a um aparente paradoxo: o surgimento de segmentos de direita que cultivam uma política de ódio contra as (mal)chamadas minorias e, simultaneamente, empenham-se em mimetizar as formas de protesto e indignação historicamente identificadas com forças de esquerda. Exemplos desse mimetismo ficaram evidentes nos atos de rua, promovidos por negacionistas, que, durante a pandemia da Covid-19, denunciaram como arbitrárias e tirânicas as exigências da vacinação e as restrições sanitárias de mobilidade de combate ao contágio, bradando por *Liberdade* e exibindo cartazes com bordões usados em passeatas feministas como *Meu corpo, minhas regras*.

Ocorridas quando o número de mortos oficiais, embora subestimado, já ultrapassava cinco milhões, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), duas manifestações contra o passaporte vacinal¹ ajudam a mensurar a magnitude desse fenômeno: as que se espalharam por várias cidades na França ao longo de 2021 e chegaram a reunir em 4 de setembro cerca de 140 mil pessoas;² e a de fevereiro de 2022, em Windsor, cidade canadense localizada na divisa com os Estados Unidos, que bloqueou por cerca de uma semana, a Ponte Ambassador, uma das principais artérias comerciais do país, acarretando um prejuízo para a indústria de peças automobilísticas de cerca de 1 bilhão de dólares canadenses (US\$ 790 milhões ou R\$ 4 bilhões), de acordo com a BBC³.

A capacidade de mobilização popular dessa extrema-direita já havia sido demonstrada dez anos antes da eclosão da pandemia causada pelo coronavírus (SARS- CoV-2), período em que presenciamos protestos de rua massivos – primeiro na Europa e, depois, em alguns países latino-americanos, especialmente no México, no Peru e na Colômbia, logo após 2010, ano da difusão, por associações católicas e evangélicas conservadoras, de uma campanha internacional contra a “ideologia de gênero”, expressão adotada no combate ao avanço das políticas de igualdade de gênero e diversidade sexual que se mostrou eficaz na incitação à participação política contra tudo aquilo que, supostamente, ameaçaria as concepções tradicionais de família e ordem sexual, desde a legalização de casamentos homoafetivos até as políticas de educação sexual em escolas (BIROLI; VAGGIONE; MACHADO, 2020, p. 22).

Imitar as *formas de ser* das esquerdas tem sido a via pela qual essa *nova* direita tem buscado realizar a sua pretensão maior: ser identificada como uma força política rebelde contra o sistema. Uma ambição que não se opõe, antes se entrelaça, à antedita política de

¹ Dado extraído de matéria publicada no site eletrônico da UOL: *Os principais acontecimentos de 2021 no mundo em UOL*.

Disponível em: [https://economia.uol.com.br/noticias/afp/2021/12/27/os-principais-acontecimentos-de-2021-no-mundo.htm#:~:text=Paris%2C%2027%20dez%202021%20\(AFP,acontecimento%20no%20mundo%20em%202021](https://economia.uol.com.br/noticias/afp/2021/12/27/os-principais-acontecimentos-de-2021-no-mundo.htm#:~:text=Paris%2C%2027%20dez%202021%20(AFP,acontecimento%20no%20mundo%20em%202021)

² Uma curta reportagem sobre as manifestações de rua ocorridas nas cidades francesas ao longo do ano de 2021 foi publicada na web sob o título *Na França milhares de pessoas protestam contra passe que atesta vacinação*. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/09/04/na-franca-milhares-de-pessoas-protestam-contrapasse-que-atesta-a-vacinacao.ghtml>.

³ Breve notícia sobre o protesto em Windsor pode ser encontrada em *A reação do Canadá que pôs fim ao protesto contra passaporte de vacinas*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60382584>.

ódio a “caçar” bodes expiatórios entre mulheres, população negra e LGBTQIA+, imigrantes, povos originários, ciganos, entre outros. O entrelaçar desses dois elementos foi um dos componentes centrais da experiência do fascismo na Alemanha (1933 – 1945) e na Itália (1922 a 1943), cuja presença – em formas e graus variados e nem sempre explicitados – na heterogênea extrema-direita do século XXI nos autoriza a adjetivá-la de neofascista⁴, adjetivo que nos instiga a identificar não apenas as relações de continuidade existentes com o fascismo histórico, como também as inúmeras novidades.

Ao acolher este desafio, o texto busca avançar na compreensão crítica dessa *nova* extrema-direita, situando-a no interior da dinâmica e das contradições da *era do capitalismo manipulatório*; mais especificamente, procura localizar a sua origem deste a partir de 2008 quando a *crise estrutural do capital* (MÉSZÁROS, 2011) conheceu um segundo capítulo. Ao formular a categoria *capitalismo manipulatório*, quando redigia sua monumental *Para uma ontologia do ser social* (iniciada em 1963 e concluída em 1969), G. Lukács conseguiu antecipar as tendências de desenvolvimento da dinâmica cultural e política do capitalismo tardio e, por conseguinte, dos traços mais elementares da ideologia dominante que somente se tornariam evidentes no século XXI. Tal antecipação se fez acompanhada da identificação dos dilemas que o projeto socialista revolucionário experimentaria desde então.

Atualizar (teórica e historicamente) a referida categoria consiste numa das principais tarefas que as jovens gerações de marxistas devem realizar se quiserem se contrapor às formulações irracionistas que impregnam a produção cultural do capitalismo contemporâneo desde os fins dos anos 1970. Estas têm repercutido até mesmo entre a intelectualidade de esquerda no cultivo do modismo pós-moderno e de sua derivação numa via conservadora do pensamento de(s)colonial⁵. Na ausência dessa contraposição, o poder de imantação teórico-cultural das ideias *neofascistas* sai fortalecido.

Bem mais limitado do que a tarefa antedita, o propósito do presente capítulo é contribuir para a compreensão de como a extrema-direita, no decorrer do capitalismo contemporâneo, pôde se metamorfosear, no debate de ideias, num signo de rebeldia.

I

Embora o *neofascismo* mantenha com o fascismo histórico uma relação de continuidade, é fundamental ressaltar as suas particularidades, uma vez que o solo histórico do seu nascimento difere daquele que gestou o nazifascismo. Suas razões de ser (surgimento e conteúdo), bem como as suas formas, guardam estreitas relações com a *crise estrutural do capital*, aprofundada em 2008. Não à toa, o *neofascismo* só se torna força política significativa, em várias regiões do mundo, a partir da crise do *subprime*, assumindo características próprias

⁴ Abordagens alternativas a adotada aqui no estudo da *nova* direita são as que têm utilizado as expressões pós-fascismo e até mesmo populismo de direita. Há ainda quem prefira fazer uso da denominação totalitarismo neoliberal, como Chauí (2019). Um bom e sintético balanço dos limites analíticos das leituras sobre o pós-fascismo e o populismo de direita pode ser encontrado em Mattos (2020) e em Löwy (2019). Recomendáveis para quem deseja ter um breve panorama dessa polêmica protagonizada por autores progressistas com horizontes de leitura diversos são duas coletâneas: uma organizada por Noam Chomsky e Chantal Mouffe sob o título *Neofascismo* (Buenos Aires: Capital Intelectual, 2019) e a que foi publicada sob a coordenação de Cecília Honório e João Mineiro, intitulada *Novas e velhas extremas-direitas* (Lisboa: Parfaisal, 2021).

⁵ Uma primeira aproximação crítica acerca da relação existente entre o pós-modernismo e o heterogêneo pensamento de(s)colonial numa vertente que se pode chamar de conservadora foi por mim apresentada na mesa de encerramento do *V Encuentro Latino Americano de Profesionales, Docentes y Estudiantes de Trabajo Social* realizado de 18 a 20 de maio de 2023 na cidade de Tandil na Argentina e cuja versão mais desenvolvida saiu publicada recentemente pela *Revista Plaza Pública* (Cf. RODRIGUES,2023).

em cada país. Assim, seus bodes expiatórios não são os mesmos em todos os locais: os principais inimigos dos *neofascistas* nos Estados Unidos e na Europa são os imigrantes, especialmente os mulçumanos, mas não se pode dizer o mesmo para o Brasil. Além disso, seus temas e conteúdos de agitação cultural podem variar bastante: ser mais ou menos recheados de argumentações religiosas fundamentalistas, expressar maior ou menor preocupação com a corrupção, explicitar ou não seu programa neoliberal.

Sem fazer dessa diversidade⁶ tábula rasa é possível identificar alguns traços comuns, dentre eles: uma crítica (parcial) ao liberalismo⁷, a defesa de um nacionalismo identitário xenófobo e/ou racista e a adoção de um invólucro *anti-establishment*. Como assinalado anteriormente, em torno desse terceiro traço se pode entender melhor a particularidade dessa extrema-direita, em outros termos: compreender o *neofascismo* requer indagar de que forma a “ideia da subversão (...) [migrou] para a direita nesse [sic] surpreendente século XXI” (QUADROS, 2020, p. 194).

Responder a essa pergunta, exige-nos decifrar o capitalismo do século XXI. Quem nos auxilia nessa empreitada teórica é G. Lukács que, em sua *Para uma ontologia do ser social*, ocupado em apreender os traços ontológicos (universais) da ideologia do capitalismo tardio, conseguiu capturar um elemento tornado vital ao Modo de Produção Capitalista (MPC) do Pós-Segunda Guerra, resultante das alterações processadas na economia: a constituição de um sistema manipulador de informações que, desbordando o âmbito do consumo, atingiu as demais esferas da vida social. Os efeitos desse capitalismo manipulatório sobre a cultura e a ideologia só se tornaram plenamente visíveis no fim dos anos 1970 quando a crise deste, antevista por Lukács, foi resolvida (no plano da política) a favor do grande capital.

A hipótese a subsidiar o presente texto é que as condições sócio-históricas do surgimento da aparente rebeldia *neofascista* devem ser localizadas exatamente nessa vitória do grande capital que conduziu a um triunfo temporário do capitalismo manipulatório e exponencial da sua ideologia anti-ideológica – cuja primeira expressão pode ser localizada nas teses do *fim da ideologia* e do *advento da sociedade pós-industrial* de Daniel Bell⁸, como se verá a seguir.

O sistema manipulatório - do qual nos fala a ontologia lukácsiana - resulta da expansão em escala da produção capitalista, quando os interesses do capitalismo em sua fase tardia, adentrando a esfera da reprodução social (do consumo, dos serviços), exigem a manipulação da vida cotidiana das pessoas como forma de realizar a venda de mercadorias, garantir o lucro e evitar as crises (LUKÁCS, 2013). No século XXI, a manipulação do capital se acentuou excepcionalmente mediada pela atuação das *Big Techs*, empresas oligopolistas de comunicação e tecnologias de informação (TICs), dominantes no mercado de extração,

⁶ Em grande parte, é essa heterogeneidade interna que tem alimentado uma viva polêmica acerca de como melhor conceituar o fenômeno (Cf. a nota de rodapé nº4).

⁷ A posição antiliberal do *neofascismo* parece não destoar do liberalismo da *nova* direita estadunidense dos anos 1960 que operou uma rejeição seletiva do pensamento liberal, pois ao mesmo tempo em que incorporou os postulados liberais da liberdade do mercado e do individualismo, condenou seu conteúdo racional e seus efeitos secularizadores. Para *neoconservadores* como Irving Kristol (2003), defensor da tradição e da religiosidade, o liberalismo é perigoso por produzir certo niilismo moral.

⁸ A estreita relação existente entre as duas teses (do *fim da ideologia* e da *sociedade pós-industrial*) é ressaltada pelo próprio Daniel Bell: “Meu ponto de partida foi um tema implícito no meu livro *The end of ideology* – o papel na sociedade da elaboração técnica de decisões. Na realidade, essa tomada técnica de decisões pode ser encarada como diametralmente oposta à ideologia: uma é calculadora e instrumental, e a outra emocional e expressiva. O tema de *The end of ideology* foi a exaustão das velhas paixões políticas; as teorias que se desenvolveram dando como resultado ‘*A sociedade pós-industrial*’ buscaram explorar o pensamento tecnocrático em seu relacionamento com a política” (BELL, 1973, p. 49).

processamento e comercialização de dados na *web*⁹ – na reprodução diária da vida dos indivíduos sociais. Isso ocorreu graças à popularização do uso de mercadorias como *smartphones*, TVs, computadores e, até mesmo, eletrodomésticos com sensores e conectados em rede (a internet das coisas) capazes de extrair e transmitir informações pessoais dos seus usuários, facultando, assim, a conversão de todos os aspectos do cotidiano em apelos publicitários (RODRIGUES; MOTA, 2021). O extraordinário poder das *Big Techs* de dirigir a conduta cotidiana dos indivíduos decorre de uma brutal mercantilização da vida social¹⁰, de um aprofundamento do domínio do capital monopolista na esfera da cultura, adentrando também no âmbito da política. O sujeito político beneficiário do fenômeno da instrumentalização mercantil da política mediada pelos oligopólios das TIC (*Idem*) é a extrema direita. Ilustrativas da estreita relação existente entre o *neofascismo* e a mercantilização da política são as notícias dos crimes cometidos pela empresa *Cambridge Analytica* no vazamento de informações dos usuários do *Facebook* e do uso destes para favorecerem o candidato Donald Trump nas eleições presidenciais dos Estados Unidos. Além das informações da participação da referida empresa, no mesmo ano de 2016, na criação de perfis e conteúdos favoráveis aos grupos conservadores no plebiscito do *Brexit* sobre a permanência do Reino Unido na União Europeia (UE) (EMPOLI, 2019). Acrescente-se, na atualidade, a popularização, em quase todo o mundo, de concepções islamofóbicas e “terraplanistas”, machistas, misóginas, homofóbicas e racistas em estreita conexão com a disseminação de *fake news*, resultado de uma indústria multibilionária de produção da desinformação e propaganda enganosa dominada pelos citados oligopólios¹¹.

A compreensão do robustecimento da manipulação no século XXI requer que se considere outro elemento: as lutas realizadas por múltiplos sujeitos (jovens, mulheres, negros, homossexuais, povos periféricos etc.) entre os anos 1960 e 1970 a compor o que tenho chamado de *longos anos 1960* (RODRIGUES, 2016) e que, para Lukács, representavam uma fissura no sistema manipulatório a produzir revoltas, corretamente analisadas, por ele, como um indicador da crise ideológica do capital. O desfecho dessa crise a favor do grande capital, da sua restauração (BRAGA, 1996), o velho filósofo comunista, falecido antes, não pôde conhecer. Porém, de forma extraordinária, Lukács antecipou a recomposição de uma nova ofensiva ideológica do capitalismo manipulatório num quadro de diluição da revolta e da

⁹ O mercado de extração de dados na *web* é dominado pelo grande capital ou, em termos mais exatos, pelos *monopólios digitais* (MARTINS, 2020, p. 28), compostos por cinco gigantes de tecnologia, todos estadunidenses, que, juntos, somaram quase US\$900 bilhões em receitas em 2019, segundo informação disponível em <<https://sottelli.com/big-techs-e-seu-papel-na-sociedade/>>. São eles: a **Alphabet**, *holding* que administra todos os serviços do Google, que não é apenas um dos mais conhecidos mecanismos de pesquisa na internet, também é pioneiro em navegação pela rede (Chrome), em *smartphones* (Android) e em *streaming* de vídeo (YouTube); a **Microsoft**, fundada por Bill Gates e Paul Allen e desenvolvedora da Microsoft Office, é também investidora em servidores e serviços de nuvem, *notebooks*, rede social (LinkedIn), anúncios em pesquisas e no sistema operacional Windows; o **Facebook**, rede social de maior sucesso do mundo, dominante no mercado das mídias sociais, que comprou o Instagram (2012), o WhatsApp (2014) e é dona do Óculos Go (2014 – sistema de realidade virtual); a **Amazon**, gigante internacional do comércio eletrônico, trabalha também com *e-books*, serviços de *streaming*, soluções de casa inteligente, fabricação de eletrônicos e estúdio de cinema e televisão; e, finalmente, a **Apple**, líder em inovação e fornecimento de produtos e serviços exclusivos e investidora em seu *smartphone* e em muitos serviços digitais (Apple Music, Apple TV+ e iCloud).

¹⁰ A esse respeito, Martins (2020, p. 16) observou com razão que “Está ficando para trás a época do compartilhamento livre de músicas, filmes, livros e outros conteúdos. Agora, a ordem é pagar para ver filmes, ler notícias ou garantir alcance para uma publicação. A mercantilização da vida avança, assim, por meio de processos distintos, mas complementares: a digitalização, a produção e a coleta de dados sobre nós e sobre tudo, processo que tem sido chamado de datificação da sociedade, a modulação de comportamentos e a ampliação da vigilância”.

¹¹ Ao analisar a criação do *Movimento 5 estrelas* na Itália, um partido digital criado para atender aos anseios de internautas e que se tornou uma força relevante no cenário político italiano contemporâneo, o estudo de Empoli (2019) nos indica o mais alto grau ao qual a mercantilização da política pôde chegar no segundo decênio dos anos 2000.

constituição de uma espécie *sui generis* de resignação (porque) inconformista, como um possível resultado, caso os socialistas não encontrassem uma saída revolucionária para essa fissura (LUKÁCS, 2013; 2020).

A rebeldia do *neofascismo* – objeto de discussão deste texto - não seria a expressão da ofensiva ideológica triunfante da manipulação do capital? A resposta pode ser positiva desde que a consideremos como um processo histórico que, aberto desde a crise estrutural do capital na segunda metade dos anos 1970, é constituído por sucessivas e gradativas vitórias do capital, de um lado, e derrotas do operariado e dos trabalhadores, de outro.

Ajuda-nos a pensar nessa direção, a análise de Cueva (1989) acerca do giro à direita que o mundo ocidental deu como consequência das respostas para a crise que o grande capital conseguiu impor em vários países desde fins dos anos 1970, o que tornou precário o mundo do trabalho, destruiu os sistemas de seguridade social públicos e ampliou o poder do capital portador de juros. Esse giro representou uma verdadeira reviravolta na luta de classes, quando o capital conseguiu, na virada do século XX para o XXI, passar de uma posição defensiva para ofensiva (NETTO; BRAZ, 2010, p. 214) no exato momento em que o projeto revolucionário sofria uma grave derrota internacional. Esta, por sua vez, havia sido iniciada no final da década de 1970 com o arrefecimento das lutas vividas *nos longos anos 1960*, acompanhadas da interrupção da *Primavera de Praga* e completada dez anos após com o fim do “socialismo real” (RODRIGUES, 2016).

O estudo sobre a crise de 2008, com suas repercussões na economia, na política e na cultura, e a identificação, nessas esferas da vida social, de elementos semelhantes àqueles que conduziram Cueva a falar numa guinada à direita do capitalismo, levaram-me a especular sobre a ocorrência de um segundo giro (RODRIGUES, 2021). Desde então venho sustentando que o *crash* de 2008 abriu uma nova ofensiva do capital a sinalizar a consolidação da restauração do poder econômico e político dos monopólios. Indo um pouco mais além se pode sustentar que a aparição, a partir da primeira década dos anos 2000 de uma nova extrema-direita pretensamente rebelde, corresponderia ao triunfo do capitalismo manipulatório e a uma acentuação da sua ideologia anti-ideológica.

Para chegar a essa forma determinada, de ideologia *neofascista*, a ideologia do *fim da ideologia*, própria do capitalismo tardio, teve de passar da mera indiferenciação dos significados distintos e colidentes entre esquerda e direita para a proposição de sua inversão, algo algo tornado possível somente com a incorporação do ideário neoliberal pela social-democracia passou a incorporar o ideário neoliberal e pretensão da *Terceira Via* de Giddens de ir além da esquerda e da direita, como se verá a seguir.

II

Vindo a lume em 1994, o livro *Direita e esquerda* de Norberto Bobbio (2011) foi escrito com um propósito claro e inteiramente legítimo: enfrentar argumentações que desde o pós-guerra insistiam na indiferenciação de sentido da diáde esquerda e direita. Tal indiferenciação, como esclareceu Mészáros (2003), correspondeu à “ossatura” da ideologia dominante que, cultivada entre os imediatos anos do Pós-Segunda Guerra e a década de 1970, expressava-se como não ideológica, ou seja, ideologia convergente com aquela que, na ontologia lukacsiana, é a forma ideológica adequada ao sistema manipulatório do capitalismo.

O contra-argumento de Bobbio foi eficiente para confrontar a tese do *fim da história* de Francis Fukuyama, elaborada logo após o fim do socialismo real, mas se mostrou insuficiente para responder a renovação da social-democracia proposta por Antony Giddens que, num horizonte pretensamente transcendente da esquerda e da direita, incorporou elementos do ideário neoliberal. Não faltaram críticos que dispensaram à *Terceira Via* de Giddens o tratamento devido, qualificando-a com o que, de fato, ela se propôs ser: uma vertente do neoliberalismo. Nessa direção, o estudo de Ferreira (2016), concebe-a como uma versão musculada da agenda neoliberal dos anos 1980, de Thatcher e Reagan, e pretende demonstrar como suas proposições teóricas estão a serviço da defesa de uma política da exceção, fortalecida em toda a Europa desde a crise de 2008. Em leitura convergente, Castelo (2013) propõe entendê-la como parte do “social-liberalismo”, uma variante do neoliberalismo a comportar um duplo significado: a incorporação de uma agenda social para o programa neoliberal do grande capital e, simultaneamente, a decadência político-ideológica da social-democracia, esvaziada de suas lutas reformistas.

Em harmonia com esse horizonte de análise, mas buscando ir um pouco além, os argumentos apresentados nesta seção intencionam convencer os leitores da pertinência de tratar a *Terceira Via* como uma ideologia do capitalismo manipulatório tal qual apontado por Lukács, portanto, como anti-ideológica. Veremos como Giddens, embora pertença a um espectro distinto do de Daniel Bell, fundador do *neoconservadorismo* norte-americano (NETO, 2020), atualiza as teses do “advento da sociedade pós-industrial” (BELL, 1973) e do “fim da ideologia” (BELL, 1980).

A expressão *neoconservadorismo* é utilizada aqui para se referir a uma forma historicamente determinada do pensamento conservador: àquela cuja matriz teórica deve ser buscada nas elaborações da geração de pensadores estadunidenses liderada por Irving Kristol e projetada internacionalmente por Daniel Bell e que, conforme demonstra Neto (2020), forneceram os elementos centrais para o programa neoliberal de governo de Ronald Reagan¹².

A estreita conexão entre a *Terceira Via* e o pensamento *neoconservador* se evidencia de dois modos. O primeiro corresponde a um elemento comum à formulação dos *neoconservadores* norte-americanos e de Giddens: uma crítica de cunho moralista ao *Welfare State*. Um feito da geração de Irving Kristol e de Daniel Bell foi a inserção de uma agenda moral nas propostas de (contra)reforma neoliberais da era Reagan (KRISTOL, 2003, p. 377), isto desembocando na inauguração de uma nova ideologia do campo conservador e a proposição de uma nova denominação para os seus formuladores que passaram a ser chamados de *neoconservadores* ou simplesmente *neocons* (NETO, 2020).

Em Kristol, a condenação moral do Estado de Bem- Estar se dirige contra a capacidade dos programas, serviços e equipamentos sociais de responderem, numa dimensão pública e legal e, portanto, impessoal e laica, necessidades materiais de reprodução dos indivíduos sociais, antes providas por instituições tradicionais (como as famílias) e/ou

¹² Neto (2020, p. 8) ainda esclarece como os *neoconservadores*, ao se tornarem críticos de “quase todos os programas sociais que não estavam inseridos na lógica da economia de mercado”, legitimaram a reconfiguração da atuação estatal em resposta a um grave contexto de crise (interna e externa) de hegemonia dos Estados Unidos, deflagrada em fins dos anos 1960, num quadro de eminente derrota na Guerra do Vietnã, de evidência dos seus vultosos custos e da intensificação de diversos movimentos contrahegemônicos – desde aqueles que reivindicavam a paz e a ampliação dos direitos sociais até os que questionavam o padrão cultural do *American way of life* - edificador da liderança internacional estadunidense e do próprio capitalismo (NETO, 2020, p. 3).

religiosas (como as igrejas) que, ao exigirem a obediência a determinadas normas e costumes, supostamente, inibiam comportamentos indesejáveis (crimes, vícios etc.). Em outros termos, aquilo contra o qual os *neocons* se insurgiram foi justamente a diminuição do poder e da força de grupos intermediários coesivos que atuavam na mediação da relação entre os indivíduos e a sociedade quando se instauram políticas públicas como direitos sociais.

Elaboradas para fortalecer o trabalhismo inglês, partido historicamente identificado com a esquerda, as críticas de Giddens ao *Welfare* também se revestiram de um caráter moralizante. Mostra-se até mesmo inusitado o fato das suas reservas moralizadoras ao Estado de Bem-Estar se inserirem num horizonte que procura revigorar a social-democracia no final do século XX, em período posterior a queda do muro de Berlim. Tal revitalização implicava necessariamente, para o sociólogo britânico e ex-assessor de Tony Blair, incorporar, num contexto por ele descrito como o fim do consenso em torno do *Welfare* e de descrédito (final) do marxismo (GIDDENS, 1996), o conservadorismo de uma forma não conservadora. Com essa pretensão, Giddens (1996) acolheu o protesto dos *neoconservadores* contra a capacidade do neoliberalismo de desfazer símbolos e instituições tradicionais essenciais à promoção da solidariedade e coesão social, ao encorajar o livre jogo das forças do mercado. Nesta direção, o sociólogo da *Terceira Via* chegou a culpar o Estado de Bem-Estar por facultar aos homens o abandono das suas responsabilidades no sustento de suas mulheres e seus filhos.

A defesa da família e da tradição em oposição ao *Welfare* partilhada por *neoconservadores* e uma social-democracia renovada pela *Terceira Via* é produto de uma segunda convergência: uma afinidade na leitura da vida social (surpreendente) entre forças de direita e de esquerda. De tal monta que a análise societária de Giddens (assentada na ideia da sociedade de risco/da modernidade reflexiva) pode ser pensada como uma espécie de atualização da tese da *sociedade pós-industrial* de Daniel Bell. Em sua tese, Bell defende que a sociedade pós-industrial, distinta da industrial, não está organizada em torno da produção de bens e da maquinaria, mas sim da produção de serviços e da utilização crescente de conhecimento teórico e tecnologias intelectuais. Em linhas gerais, trata-se da afirmação de uma sociedade na qual o conhecimento tornou-se um elemento crucial (estruturante e dínamo da vida social), uma expressão do que Mészáros (2003) denominou de ideologia da pós-ideologia, correspondendo à tentativa de transformar os conflitos reais e antagonismos de classe da sociedade burguesa e seus embates ideológicos em “ilusão de práticas desorientadoras” (MÉSZÁROS, 2004, p. 109)¹³.

Além desta investida argumentativa em prol de uma suposta *sociedade pós-industrial*, a ideologia anti-ideológica conheceu, conforme demonstrou o filósofo húngaro e aluno de Lukács, diversas versões: desde o esforço em desqualificar o projeto socialista como ópio dos intelectuais (como o fez Raymond Aron), passando pela celebração aberta do *fim da ideologia* (de Daniel Bell) até a tentativa de, por meio da polémica entre a modernidade e a

¹³ Numa análise convergente com a ideologia não ideológica de Mészáros (2003), João Evangelista (2007) argumenta ser a tese da *sociedade pós-industrial* uma premissa fundamental na estruturação do pensamento pós-moderno, comprovando a sua pertinência ao analisar o livro de Lyotard, *A condição pós-moderna* – no qual o autor afirma ter a ciência se tornado uma força produtiva. Fato curioso a exigir maior estudo é o “pós-modernismo de inquietação” de Boaventura de Sousa Santos não deixar de considerar a ciência em termos muito semelhantes, sem, contudo, incorporar integralmente a tese de uma sociedade pós-industrial. Ao que parece, permanecem vivas e válidas, para os pós-modernos de inquietação, a sociedade industrial e as classes sociais que a constituem e também a disputa ideológica decorrente das lutas entre seus interesses antagonicos. Uma parte expressiva da crítica à política da austeridade em Portugal pode ser localizada em Boaventura e pesquisadores a ele associados, provavelmente como decorrência desta inflexão da tese de Daniel Bell (RODRIGUES, 2022).

pós-modernidade, tornar obsoletas categorias como classe e capitalismo. A sociologia de Giddens pode ser tomada como mais uma versão desta ideologia (pretensamente) não ideológica, por duas razões centrais. Em primeiro lugar porque, como todas as variantes da supracitada ideologia, esta sociologia parte do pressuposto de que estamos diante de um novo tipo de sociedade na qual “a ciência e a tecnologia ditam o que acontece ao corpo social” (MÉSZÁROS, 2004, p. 265).

Para Giddens, a sociedade contemporânea, caracterizada como a *era* de incertezas, é consequente produto da globalização impulsionada pela revolução tecnológica das telecomunicações que, ao conectar o mundo inteiro e alternar as relações espaço-temporais, modificou a natureza, dissolveu instituições e valores tradicionais e produziu riscos artificiais. Os riscos da vida social na atualidade, portanto, para a *Terceira Via*, são tão somente a resultante dos êxitos da modernidade (da ciência e da razão), nada devendo à acumulação do capital, sua estrutural exploração de classes e o obstinado empenho em subordinar o valor de uso ao valor de troca.

Em segundo lugar porque Giddens (1996) questionou a distinção entre direita e esquerda tal qual o economista John Kenneth Galbraith que, nos anos 1950, apostando na capacidade do capitalismo em resolver a escassez e a pobreza, colocou em xeque as condições da disputa de projetos antagônicos de classe e da existência da própria ideologia (MÉSZÁROS, 2004). Todavia, o sociólogo britânico foi muito além de Galbraith, pois operando uma inversão bem-sucedida de sinais entre a direita e a esquerda, identificou, de forma inédita, o conservadorismo com uma filosofia política radical, ao argumentar que, na Europa e outras partes do mundo, os conservadores já não mais se opõem às mudanças brutais e de longo alcance provocadas pelo capitalismo competitivo, e associou, de maneira igualmente inaudita, o socialismo com uma postura de preservação do existente, isto é, uma posição conservadora, que, para ele, estaria exemplificada na defesa do *Welfare State*¹⁴. Por meio desta inversão, a social-democracia da *Terceira Via* pôde antecipar em cerca de duas décadas uma das características que peculiariza a ideologia da nova extrema-direita disseminada em escala planetária a partir da crise do *subprime* em 2008: o *neofascismo* que tem se esforçado em “se apresentar como a via de uma mudança radical, de rebeldia diante do *status quo*, operando, assim, uma espécie de mimese da esquerda” (RODRIGUES, 2021b, p. 15).

III

A extrema direita do século XXI se veste de rebelde para encobrir sua natureza de classe. Portanto, a sua capa antissistema é consequência da instrumentalização da revolta e indignação fomentadas nas redes sociais e temperadas com um discurso de ódio por meio de *fake news*. Seu projeto oculto, graças a essa instrumentalização, condiz com um programa neoliberal radical (batizado por muitos de *ultraneoliberal*): a instituição de um autoritarismo compatível com a visão de mundo de uma oligarquia financeira fortalecida por uma dinâmica de acumulação cada vez mais subordinada aos interesses do capital portador de juros. Sua função, também devidamente dissimulada através de uma suposta luta do bem contra o mal, é tornar aceitável e natural a promoção da barbárie num momento em que, para deter a queda

¹⁴ “O conservadorismo tornado radical enfrenta o socialismo que se tornou conservador” (GIDDENS, 1996, p. 10).

da taxa de lucros, o capital necessita avançar mais sobre o mundo do trabalho, os direitos sociais, a natureza, e, assim sendo, destruir os limites civilizatórios que, por força das lutas operárias e dos trabalhadores, a moderna sociedade burguesa viu erigir.

Denunciar a falsidade da vestimenta rebelde da extrema direita do século XXI embora seja legítimo, mostra-se insuficiente. Se quisermos derrotá-la do ponto de vista prático, é necessário compreender as condições materiais que a produziram¹⁵. Sob a ótica marxista é indispensável entender, então, o fundamento real e legítimo das revoltas contra a globalização e contra um conjunto de incertezas produzidas pelo Modo de Produção Capitalista (MPC) na contemporaneidade: o medo, o desemprego, a doença desassistida e outras formas de insegurança que a extrema-direita tem utilizado a seu favor.

O livro *A condição pós-moderna* de David Harvey (2004) nos auxilia a localizar as raízes de uma resposta cultural reacionária nas mudanças societárias experimentadas desde a crise estrutural do capital nos anos 1970. Nele, podemos ver como a transição para um regime de acumulação flexível, marcada por um forte impulso acelerador do capital (de *compressão tempo-espaço* tanto na produção, como no consumo a reverberar em toda a vida social), conduziu a apologia da instantaneidade e do efêmero. Contudo, o mesmo terreno, que força os indivíduos a experimentarem cotidianamente uma sociedade do descarte, gesta uma reação diametralmente oposta: a busca da segurança, estabilidade e solidez expressas no retorno às tradições, na procura de identidades coletivas, na valorização do nacionalismo e localismo e no cultivo do fundamentalismo religioso.

Ademais, ao argumentar que a flexibilidade na produção, nos mercados de trabalho e no consumo, foi uma decorrência da busca de soluções financeiras para responder à crise dos anos 1970 (HARVEY, 2004), o aludido autor nos sugere um caminho de investigação fecundo, no qual, o capital portador de juros e a sua busca de liquidez constituem categorias-chaves para a inteligibilidade de um ambiente cultural vincado por um irracionalismo e relativismo exacerbados, propícios à aparição não somente do discurso pós-moderno, bem como ideias antimodernas de caráter reacionário, sem as quais a *pós-verdade* do *neofascismo* não poderia existir.

O tema é retomado pelo geógrafo britânico marxista em obra dedicada a tratar da história do neoliberalismo, uma publicação que evidencia ter a neoliberalização nos Estados Unidos dos anos 1980 se consumado graças a uma aliança entre candidatos de direita e grandes corporações financeiras e a uma reviravolta neoconservadora na política conduzida na defesa de valores morais centrados:

[...] no nacionalismo cultural, na retidão moral, no cristianismo (de uma modalidade evangélica), nos valores familiares em questões de direito à vida, assim como no antagonismo a novos movimentos sociais como o feminismo, os direitos homossexuais, a ação afirmativa e o ambientalismo (HARVEY, 2013, p. 92).

¹⁵Mészáros já havia indicado que, para Marx, o ponto de vista crítico prático pertinente da ideologia religiosa era não somente considerá-la como ópio do povo, mas também como coração de um mundo sem coração, ou seja, a ilusão religiosa seria expressão de uma miséria real e um protesto contra ela e cuja superação exigiria abandonar o estado de coisas que a torna necessária (MÉSZÁROS, 2003, p. 470).

Insinuada por Harvey, a existência de conexões entre o neoliberalismo e a fascistização da vida social é objeto privilegiado da análise crítica de Avelãs Nunes (2021)¹⁶. De acordo com o economista lusitano, incompatível com a democracia, o neoliberalismo tem, desde os anos 1970 e 1980, tencionado impor uma ditadura do grande capital financeiro traduzida em políticas antitrabalhadores e assentada em um Estado forte (AVELÃS NUNES, 2021); mas, no pós-2008, esse caráter ditatorial se escancara, pois, a partir de então os programas de austeridade na União Europeia buscaram, em claro confronto com a democracia, instituir um estado de emergência e exceção para salvaguardar interesses do mercado, tal qual o ocorrido em Portugal com a *troika* (AVELÃS NUNES, 2021).

Outro elemento a alimentar a aparência rebelde da extrema-direita, além dos que se entrelaçam com a respostas do grande capital para a sua crise estrutural, diz respeito à perda de fibra de uma esquerda (hegemonizada pelo pós-modernismo e suas atualizações em versões de(s)coloniais de direita) que, após o declínio das lutas anticapitalistas dos *longos anos 1960* (RODRIGUES, 2016), do fim do “socialismo realmente existente” e da conversão da social-democracia ao credo neoliberal, não tem mais uma posição otimista frente ao futuro nem aposta mais no potencial emancipatório do saber racional.

O quadro traçado pode ser ainda mais dramático se levarmos em conta os resultados da pesquisa realizada pelo jovem periodista argentino Pablo Stefanoni (2021) e reunidos em livro com o sugestivo título *La rebeldia se volvió de derecha?*, no qual, a partir do recolhimento de farto material da *guerra cultural* empreendida pela extrema-direita nas redes sociais, o autor comprova que, na disputa pela indignação popular da atualidade, os *neofascistas* estão ampliando o poder de atração entre os que se sentem, de algum modo, descontentes com a ordem social e desejam mudanças. Ao manter posições nacionalistas, xenófobas, antiestado, racistas e misóginas, mas com acenos para a comunidade LGBTIA+ e para ambientalistas, a nova extrema-direita tem conseguido aumentar o seu raio de ação; e, ao incorporar “velhas” bandeiras progressistas (de modo instrumental), tem produzido situações esdrúxulas como a aparição de grupos xenófobos atuantes na defesa dos direitos dos homossexuais, os denominados *homonacionalistas*, ou, ainda, os *ecofascistas*, constituído por ecologistas supremacistas brancos que defendem a preservação do ecossistema e o genocídio de populações de países dependentes já que os recursos naturais são finitos.

Embora sejam casos ainda marginais, essas aproximações, até então inimagináveis entre forças de extrema-direita e grupos de causas progressistas, têm o potencial de indicar, tal como adverte Stefanoni, o futuro próximo da direita *neofascista*. Uma previsão que parece inteiramente legítima não somente porque é coerente com a inversão de significados entre direita e esquerda que peculiariza a ideologia anti-ideológica do capitalismo do século XXI, mas também porque os noticiários comprovam que tal coalizão já ganhou lastro na vida real, deixando assim de ser tão somente um dilema teórico – é o que atesta, por exemplo, a informação, que causou *frison* na imprensa internacional, da breve aliança estabelecida em 2020 do jovem chanceler da Áustria Sebastian Kurz, ídolo da extrema-direita europeia, com os *Verdes*¹⁷.

¹⁶ É importante levarmos em conta também que no longo *Epílogo da Destruição da Razão*, redigido em 1953, Lukács (2020) já havia indicado a presença de uma cultura fascizante em plena democracia norte-americana, graças a força que o grande capital monopolista ali encontrou para tornar-se hegemônico, desde muito cedo, na economia e na cultura.

¹⁷ Ex-lider do ÖVP (Partido Popular Austríaco), Sebastian Kurz ficou conhecido não apenas por ter se tornado em 2017 um dos chefes de governo mais jovens do mundo, democraticamente eleito mas também por ter conquistado a simpatia dos *neofascistas* graças ao seu empenho em defender o fechamento das rotas de migração para a Europa e limitar o pagamento

Por óbvio, os desafios do projeto socialista revolucionário na atualidade não são idênticos aos do período em que Lukács redigia a sua *ontologia*. Além dos de outrora que não foram resolvidos, há novos dilemas que a vitória temporária do capitalismo manipulatório e o *neofascismo* fizeram emergir. Sem menosprezar esses fatos, é possível dizer, contudo, que permanecem válidas as tarefas dos marxistas cujas linhas gerais foram apresentadas pelo velho comunista húngaro.

A primeira delas diz respeito ao investimento que deve ser feito na renovação da tradição teórica aberta por Marx, restituída de toda a sua riqueza categorial e da ortodoxia do método¹⁸. As razões da persistência dessa tarefa nos dias atuais têm fundamento material nas brutais alterações processadas no MPC desde os anos 1970 que, de maneira ainda mais aguda, reafirmam a correção da argumentação lukácsiana da necessidade de reescrevermos *O Capital*; missão impossível de ser cumprida por interpretações marxistas vulgares, contaminadas por uma racionalidade formal abstrata, própria daquelas versões economicistas do marxismo impregnado de positivismo, como o cultuado pela *era* stalinista e atualizado pelo althusserianismo. Renovar teoricamente o legado de Marx deve ser entendido então como uma autocrítica marxista permanente dos marxismos simplificadores que vem alimentando as críticas (nesse caso perfeitamente legítimas) feitas por pós-modernos e de(s)coloniais de todas as colorações políticas.

Entretanto, nos dias de hoje a renovação da crítica ao capitalismo e da aposta em sua superação não pode ser só teórica, ela deve ser igualmente prática, tal como Lukács a reclamou no decurso dos anos 1960 e 1970. Muito embora não exista mais um *socialismo real* a ser autorreformado na expectativa de se constituir como suporte objetivo das lutas anticapitalistas, permanece válida a inspiração que a *ontologia* lukácsiana extraiu das lutas dos *longos anos 1960* para pensar o quanto o futuro da revolução socialista dependia de encontrar uma alternativa real à manipulação.

Além de um operariado radicalizado (BIHR, 1999), tais lutas contaram com a participação de múltiplos sujeitos políticos – mulheres, negros e negras, homossexuais e povos da periferia, cujas reivindicações, extrapolando pautas meramente econômicas, colocaram em xeque (nem sempre de forma consciente) a ordem burguesa e sua forma de dominação manipuladora. Ao postularem a igualdade nas relações sociais de gênero, de gerações, de raças e de povos/nações, as lutas dos *longos anos 1960* exigiam com igual força uma renovação do projeto socialista revolucionário, traduzível na capacidade de incorporar em seu projeto emancipatório novas demandas democráticas, ao seu rol de lutas - demandas correspondentes ao que Lukács denominou de uma *nova democracia* a requerer uma vida plena de sentido (LUKÁCS, 2013), algo irrealizável dentro dos limites da democracia em sua forma burguesa e também da democratização experimentada, até então, nos países de *socialismo real* (RODRIGUES, 2016).

Se corretas essas duas observações finais acerca das tarefas dos marxistas em começo do século XXI, os tempos obtusos de agora não nos podem impedir de sonhar. Como a geração de 1968 podemos e devemos *exigir o impossível!* Porém, com a clareza de que o impossível só se fará com o fim do capitalismo!

de benefícios a refugiados e imigrantes. Sucinta nota sobre a inusitada aliança que o mesmo estabeleceu com os ecologistas pode ser encontrada em <https://www.bol.uol.com.br/noticias/2020/01/01/conservadores-e-ecologistas-se-aliam-para-formar-governo-na-austria.htm>.

¹⁸ Ortodoxia tal como definida em *História e consciência de classe* (LUKÁCS, 2003).

PS: no exato momento da conclusão deste texto, chegam notícias não alvissareiras de uma tendência à normalização do *neofascismo* a se espalhar por toda UE, mediada pelo estabelecimento de alianças com partidos de direita já tradicionais (FREIRE, 2023). Contudo, poucos dias depois, o inesperado aconteceu contrariando todas as previsões: o partido *neofascista* da Espanha, *Vox*, tornou-se menor nas eleições de 2023. A lição deixada por esses fatos *novos* é a existência de contratendências em curso que devem nos encher de esperança tanto quanto a certeza já *sabida* de que “a mera aparência *anti-establishment* dessa nova direita deve ser lida como um indicador da existência de um espaço real para lutas em prol de uma sociedade que garanta a emancipação humana e realize uma democracia não manipulada” (RODRIGUES; MOTA, 2021, p. 917).

Referências

- ALMEIDA, Ronaldo; TONIOL, Rodrigo (Orgs.). **Conservadorismo, fascismos e fundamentalismos: análises conjunturais** [livro eletrônico]. Campinas: Editora da Unicamp, 2018.
- ALVES, Giovanni. O triunfo da manipulação: o “último Lukács” e a crise estrutural do capital. In: ALVES, Giovanni et al. (Orgs.). **O espectro de Lukács**. Marília: Projeto Editorial Praxis, 2022.
- ANDERSON, Perry **O fim da história: de Hegel a Fukuyama**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- ANTUNES, Ricardo (Org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0** [livro eletrônico]. São Paulo: Boitempo, 2020.
- AVELÃS NUNES, António. **O Estado capitalista e as suas máscaras**. 3a. ed. Lisboa, Editorial Avante, 2021.
- BELL, Daniel. **O advento da sociedade pós-industrial**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- BELL, Daniel. **O fim da ideologia**. Brasília: Editora da UnB, 1980.
- BIHR, Alain. **Da grande noite à alternativa: o movimento operário europeu em crise**. São Paulo: Boitempo, 1999.
- BIROLI, Flávia; VAGGIONE, Juan M.; MACHADO, Maria A. D. C. **Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- BRAGA, Ruy. **A restauração do capital: um estudo sobre a crise contemporânea**. São Paulo: Xamã, 1996.
- BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- CARAPANÃ. A nova direita e a normalização do nazismo e fascismo. In: GALLEGOS, E. S. (Org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

- CHAUI, Marilena. **Neoliberalismo**: a nova forma do totalitarismo. 2019. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/neoliberalismo-a-nova-forma-do-totalitarismo/>. Acesso em: 20 jul. 2023.
- CHOMSKY, Noam; MOUFFE, Chantal *et al.* **Neofascismo**: de Trump a la extrema derecha europea [livro eletrônico]. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2019.
- COUTINHO, Carlos Nelson. Lukács, a ontologia e a política. In: ANTUNES, Ricardo; RÊGO, Walquiria Leão (Orgs.). **Lukács**: um galileu no século XX. São Paulo: Boitempo, 1996.
- COUTINHO, João Pereira. **Conservadorismo**. Lisboa: Dom Quixote, 2014.
- CUEVA, Agustín (Org.). **Tempos conservadores**: a direitização no Ocidente e na América Latina. São Paulo: Hucitec, 1989.
- D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**: a nova guerra contra fatos em tempos de *fake news*. Barueri: Faro Editorial, 2018.
- EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos** [livro eletrônico]. São Paulo: Vestígio, 2019.
- ESCORSIM NETTO, Leila. **O conservadorismo clássico**: elementos de caracterização e crítica. São Paulo: Cortez, 2011.
- FAWCETT, Edmundo. **Conservadorismo**: a luta por uma tradição. Lisboa: Edições 70, 2021.
- FREIRE, André. **Extrema direita**: crescimento, resiliência e normalização. Parte I e II. 2023. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2023/07/19/extrema-direita-crescimento-resiliencia-e-normalizacao-parte-i/> e <https://esquerdaonline.com.br/2023/07/20/extrema-direita-crescimento-resiliencia-e-normalizacao-parte-ii/>. Acesso em: 21 jul. 2023.
- GIDDENS, Anthony. **Para além da esquerda e da direita**. São Paulo: Editora Unesp, 1996.
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2004.
- HARVEY, David. **O neoliberalismo**: história e implicações. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- HONÓRIO, Cecília; MINEIRO, João. **Novas e velhas extremas-direitas**. Lisboa: Parfaisal, 2021.
- JAMESON, Fredric. Periodizando os anos 60. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.). **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade**: notas sobre a mentira na era Trump. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.
- KRISTOL, Irving. **Neoconservadorismo**: autobiografia de uma ideia. Lisboa: Quetzal Editores, 2003.
- LACERDA, Marina B. **O novo conservadorismo brasileiro**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2019.

- LÖWY, Michael. **A extrema direita**: um fenômeno global. 2019. Disponível em: <https://esquerdaonline.com.br/2019/01/15/a-extrema-direita-um-fenomeno-global/>. Acesso em: 18 jul. 2023.
- LUKÁCS, György. **História e consciência de classe**: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LUKÁCS, György. O processo de democratização. In: **Socialismo e democratização**: escritos políticos. 1956-1971. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- LUKÁCS, György. **A destruição da Razão**. São Paulo: Instituto Lukács, 2020.
- MANDEL, Ernest. **O capitalismo tardio**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- MATTOS, Marcelo B. **Governo Bolsonaro**: neofascismo e autocracia burguesa no Brasil. São Paulo: Usina Editorial, 2020.
- MARCHI, Riccardo. **A nova direita antissistema**: o caso do Chega. Lisboa: Edições 70, 2020.
- MARTINS, Helena. **Comunicações em tempo de crise**: economia e política. São Paulo: Expressão Popular/Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.
- MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. São Paulo: Ensaio, 2004.
- MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MOROZOV, Evgeny. **Big Tech**: a ascensão dos dados e a morte da política [livro eletrônico]. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- MOTA, Ana Elizabete; RODRIGUES, Mavi. Legado do Congresso da Virada em tempos de conservadorismo reacionário. **Revista Katálysis**, v. 23, n. 2, p. 199-212, 2020.
- NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia política**: uma introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2010.
- PENIDO, Ana; STÉDILE, Miguel Enrique. **Ninguém regula a América**: guerras híbridas e intervenções estadunidenses na América Latina. São Paulo: Expressão Popular/Fundação Rosa Luxemburgo, 2021.
- PRZEWORSKI, Adam. **Capitalismo e social-democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- QUADROS, Marcos P. R. **O que há de novo na “nova direita”?** Identitarismo europeu, trumpismo e bolsonarismo. [livro eletrônico]. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2020.
- RODRIGUES, Mavi. Longos anos 1960 de CNC: a renovação do marxismo e 1968. In: BRAZ, Marcelo; RODRIGUES, Mavi (Orgs.). **Cultura, democracia e socialismo**: as ideias de Carlos Nelson Coutinho em debate. Rio de Janeiro: Mórula, 2016.
- RODRIGUES, Mavi. Serviço Social em Tempos de conservadorismo reacionário: contribuições para análise. In: Conselho Regional de Serviço Social de Pernambuco (Org.). **Crise capitalista, Serviço Social e realidade brasileira**: reflexões e perspectivas no contexto da pandemia [livro eletrônico]. Recife: Editora da UFPE, 2021a.

RODRIGUES, Mavi. **Assistencialização, precarização do trabalho e financeirização: resultados teóricos provisórios.** Relatório de pós-doutoramento realizado na Universidade Federal de Pernambuco (de abril a setembro de 2021). Lisboa, outubro de 2021b.

RODRIGUES, Mavi. A ideologia da austeridade no Serviço Social português do pós-*troika*
In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 17.,
2022, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2022.

RODRIGUES, Mavi. “Crisis del capital e irracionalismo exacerbado: notas críticas sobre el conservadurismo neofascista y de(s)colonial” In **Rev. Plaza Pública**, Año 16 -Nº 29, Jul. 2023.

RODRIGUES, Mavi; MOTA, Ana Elizabete. Ultraconservadorismo, política anticivilizatória e luta de classes. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL LUTAS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA, 6., 2021, Santa Catarina. **Anais...** Santa Catarina: UEL, 2021.

ROSAS, Fernando. **Salazar e os fascismos.** Lisboa: Tinta da China, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência.** São Paulo, Cortez, 2001.

SOUSA, Rodrigo Farias de. **William F. Buckley Jr. National Review e a crítica conservadora ao liberalismo e os direitos civis nos EUA, 1955-1968.** 2013. p. 371. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/184>. Acesso em: 5 jul. 2021.

STEFANONI, Pablo. **La rebeldia se volvió de derecha?** Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2021.

TONELLO, I. **No entanto, ela se move: a crise de 2008 e a nova dinâmica do capitalismo.** São Paulo: Boitempo/Iskra, 2021.